

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	800 reis	JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA	Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	940 reis
Provincias ultramarinas, e União geral		Redactor	Provincias ultramarinas, e União geral	
dos correios	1\$100 »	A. PEIXOTO DO AMARAL	dos correios	1\$500 »
India, China e America.	1\$280 »	Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 74	Numero avulso	100 »



SUMMARIO

Manifesto ao Clero e ao Paiz—Devoção a Maria—SECÇÃO DOCTRINAL: Um manifesto... á altura, pelo snr. A. Peixoto do Amaral; Voltarão os Frades?, (continuação), por um catholico—SECÇÃO CRITICA: Socialismo, christianismo e catholicismo, pelo snr. A. S. Ferreira.—SECÇÃO ILLUSTRADA. S. Romão, martyr; Os partidarios de Antigono fabricam armas.—SECÇÃO NOTICIOSA—EXPEDIENTE.

Gravuras: S. Romão, martyr; Os partidarios de Antigono fabricam armas.



S. Romão Martyr

Ao Clero e ao Paiz

O estado da questão

Na campanha levantada contra as congregações regulares, proclama-se com frequencia que ellas desvirtuam a religião catholica, desviam-se da constituição da Igreja, representam uma invasão de estrangeiros, menosprezam a auctoridade e jurisdicção dos prelados e dos parochos, cerceiam a esphera de acção do clero secular, desorganizam a familia, accumulam riquezas, constituem numerosas propriedades, e no seu estabelecimento e funcções violam de diversas maneiras as leis vigentes do paiz.

Os espiritos, que assim fundamentam os seus libellos, em geral declaram ao mesmo tempo que são filhos verdadeiros da Igreja Catholica, veneram o Summo Pontifice, amam e praticam a religião do Estado, obedecem aos Prelados e aos Parochos, estimam o clero secular, desejam a conservação da fé christã e a sua influencia na vida da sociedade.

Sendo a questão enunciada d'esta maneira, esses adversarios das associações religiosas apenas laboram n'um erro facilmente remediavel, devendo em boa consciencia, e por força da logica e do decore publico, acceital-as totalmente, como consequencia dos proprios principios e sentimentos que manifestam nas homenagens prestadas á religião do Estado e á Igreja Catholica.

Desde que sejam sinceros nas suas profissões de fé, nos seus testemunhos de preito e obediencia ao poder ecclesiastico, no seu amor do bem commum e do cumprimento da lei civil, como para honra de todos nós devemos acreditar, forçoso é concluir que ha apenas um mal entendido e que por fim deverão admittir e prezar as mesmas associações contra as quaes erguem incoherentemente os seus clamores e reclamações de providencias extinctivas.

A verdadeira Igreja

As congregações regulares realisam os conselhos de Jesus Christo, são elementos de vida da religião catholica, formam parte integrante da Igreja, obedecem á auctoridade do Summo Pontifice e do episcopado, respeitam a jurisdicção dos parochos, são auxiliares efficazes dos prelados e de todo o clero secular, e exercem emfim a sua acção com perfeita observancia das leis de organização ecclesiastica.

Para assim pensarem todos, nos termos em que, está geralmente posta a questão quasi bastará a leitura attenta

de dois trechos da carta que Leão XIII dirigiu, com a data de 23 de dezembro de 1900, ao snr. cardeal Richard, arcebispo de Paris. Diz ahi o venerando chefe da Igreja Catholica:

«As Ordens religiosas, todos o sabem, tiram a sua origem e a sua razão de ser d'esses sublimes Conselhos Evangelicos que o nosso divino Redemptor dirigiu, por todo o decurso dos seculos, aos desejosos de conquistar a perfeição christã, almas fortes e generosas que se esforçam pela prece e pela contemplação, por santas austeridades, pela pratica de certas regras, em subir até aos mais altos pincaros da vida espirital. Nascidas sob a acção da Igreja, cuja auctoridade sanciona o seu governo e a sua disciplina, as Ordens religiosas formam uma porção escolhida do rebanho de Jesus Christo. Ellas são, segundo a palavra de S. Cypriano, a *honra e o ornato da graça espirital*, ao mesmo tempo que attestam a santa fecundidade da Igreja.

«As suas promessas, feitas livre e espontaneamente, depois de amadurecidas nas reflexões do noviciado, foram consideradas e respeitadas por todos os seculos como coisa sagrada, fonte das mais raras virtudes.

«O fim d'estas obrigações é duplo: primeiro elevar as pessoas que as contraem a um mais alto grau de perfeição, depois preparal-as, elevando e fortificando as suas almas, para um ministerio exterior, que se exerce para salvação eterna do proximo e para allivio das misérias tão numerosas da humanidade.

«Assim trabalhando, sob a direcção suprema da Santa Sé Apostolica na realisação do ideal de perfeição traçado por Nosso Senhor, e vivendo sob as regras que nada absolutamente tem de contrario a uma fórma qualquer de governo civil, os Institutos religiosos cooperam grandemente na missão da Igreja que consiste essencialmente em santificar as almas e em beneficiar a humanidade.

«E' por isso que, onde quer que a Igreja se achou na posse da sua liberdade, sempre que foi respeitado o direito natural de todo o cidadão escolher o genero de vida julgado mais conforme aos seus gostos e ao seu aperfeiçoamento moral, tambem sempre surgiram as ordens religiosas como uma producção espontanea do sólo catholico, e os Bispos as consideraram com bom direito como auxiliares preciosos do santo ministerio e da caridade christã.

«Não ignoramos que, para cobrir estes rigores, se vae repetindo que as Congregações religiosas se intromettem nas jurisdicções dos Bispos e lesam os direitos do clero secular. Esta asserção não póde sustentar-se se se tiverem em consideração as prulentas leis editadas sobre esta ponto pela Igreja e que Nós lembrámos recentemente. Em perfeita harmonia com as disposições e o espirito do Concilio de Trento, ao passo que, por um lado, regulam as condições de existencia das pessoas dedicadas á pratica dos Conselhos evangelicos e ao apostolado por outro respeitam tanto quanto convem a auctoridade dos Bispos nas suas respectivas dioceses.

«Salvaguardando a dependencia devida ao chefe da Igreja, ellas não deixam, em muitos casos, de attribuir aos Bispos a sua auctoridade suprema sobre as congregações por via de delegação apostolica. Quanto a representar o episcopado e o clero francez como dispostos a acolher favoravelmente o ostracismo com que se quer ferir as Congregações religiosas, é uma injuria que os Bispos e os Padres não podem deixar de repellir com toda a energia da sua alma sacerdotal!»

Diante das palavras do Summo Pontifice ninguem poderia dizer com sinceridade que professa a religião catholica

e reconhece a auctoridade da Igreja e dos seus pastores, e que deseja ao mesmo tempo a extincção das congregações regulares em nome da mesma religião e da mesma auctoridade, como tantas vezes se ouve agora. Pelo contrario, se seguem a religião catholica e obedecem aos poderes constituídos da Igreja, devem querer e prezar as Congregações, justamente em nome da Igreja e da Religião.

Relativamente á jurisdicção dos parochos, diremos que fica integralmente mantida, e que, sem auctorisação d'elles, nenhum congreganista exerce nem póde exercer nas parochias qualquer acto comprehendido na esphera das prerogativas ou direitos dos unicos e legitimos representantes dos prelados.

São os proprios bispos, os parochos, o clero secular e o povo christão, que chamam os congreganistas para o exercicio dos seus differentes ministerios, resultando d'ahi, não qualquer perturbação na vida da Igreja, mas um auxilio valioso e efficaz, com perfeito cumprimento das leis ecclesiasticas e dos fins da religião.

Os congreganistas de um e do outro sexo, pelos seus apostolados, pelas suas obras de ensino, de educação, de piedade, de beneficencia e de caridade, concorrem como factores de primeira grandeza para o augmento do numero dos catholicos sinceros e dedicados, que se sujeitam em boa consciencia aos seus bispos e aos seus parochos; que praticam e mandam praticar os actos de culto e de fé; que mantem o esplendor das cerimoniaes e festividades; que dão fructos de generosidade christã; e que por mil maneiras sustentam a força, o prestigio e as condições materiaes de existencia do clero secular e da propria Igreja.

Religião, Summo Pontifice, bispos, parochos, clero secular, povo catholico, tudo e todos recebem vitalidade das congregações regulares, tudo e todos tem com ellas uma intima união e uma perfeita solidariedade. E isto resulta dos proprios principios postos pelos que desejariam uma *Igreja portuguesa* sem congregações.

A arvore religiosa

Ao implantar-se o regimen liberal decretou-se, por motivos politicos e em parte economicos, a extincção lenta das comunidades de religiosas e a extincção immediata das comunidades de religiosos—então existentes—sendo umas e outras, como se sabe, pessoas moraes, individualidades juridicas e corporações de mão-morta.

Mas, feito isto, o regimen vigente assentava nas liberdades e direitos

individuaes estabelecidos na Carta Constitucional, e depois confirmados e até desenvolvidos no Codigo Civil. No exercicio d'estas regalias communs a todos os cidadãos, quaesquer individuos de ambos os sexos podiam constituir-se em associações religiosas, para a pratica de actos não prohibidos em qualquer lei, sem que houvesse nenhuma disposição que impedisse o apparecimento d'estas aggremações, a não ser que ellas quizessem ter individualidade juridica e ser corporações de mão-morta, como as antigas communitades das ordens regulares, pois n'esse caso seriam indispensaveis autorisações especiaes.

Permitta-se-nos n'este ponto uma comparação expressiva. Assim como o proteccionismo das pautas aduaneiras e da lei de propriedade industrial tornou possivel a installação e o desenvolvimento das industrias que hoje florescem no paiz, assim tambem os direitos communs garantidos na Carta e no Codigo Civil deixaram o caminho aberto para a formação e incremento das associações religiosas actuaes, que não teem individualidade juridica, nem são corpos de mão-morta, nem offerecem relações de identidade ou semelhança com as communitades extinctas em 1833 e em 1834.

Diz o Codigo Civil, no artigo 12, que toda a lei que reconhece um direito legitima os meios indispensaveis para o seu exercicio. Essas associações religiosas actuaes teem o direito de existencia, os seus membros teem os direitos originarios, individuaes e civis, communs a todos os cidadãos; as suas casas são domicilios privados, em que se concretisam direitos pessoaes e reaes, como em todos os outros domicilios. Os actos que ahi se praticam representam o uso de direitos reconhecidos a todos os sacerdotes, ou ainda a todos os individuos naturaes ou estrangeiros. Todos esses direitos teem garantias na lei; e tanto os direitos como as garantias foram já sufficientemente expostos no *Correio Nacional* de 20 e 27 de março findo, transcrevendo-se da Carta Constitucional, do Codigo Civil e do Codigo Penal os principaes textos applicaveis.

Se hoje se reclamasse a extincção de todas as industrias estabelecidas desde 1892 á sombra da lei protectora commum, a reclamação seria incomprehen-sivel e a extincção representaria uma iniquidade, uma arbitrariedade e uma violencia contra as instituções juridicas do paiz, a ordem social e os direitos dos cidadãos.

Pedindo-se agora que sejam supprimidas as associações religiosas existentes, e fazendo-se tal suppressão, a conclusão deve ser a mesma que na hypothese anterior, com a aggravante de

que no presente caso estão em jogo direitos pessoaes e reaes de caracter mais intimo e mais melindroso, e mais escrupulosamente garantidos na constituição e nos codigos do reino.

A invocação das leis vigentes apenas serve, portanto, para se respeitar a situação que ao abrigo d'ellas teem as associações religiosas, e para se considerar como arbitrariedades, offensa de direitos, e abusos lamentaveis, quaesquer suppressões, encerramentos, mandados de despejo e actos analogos.

Religiosos estrangeiros

A vida religiosa assim brotada á sombra das liberdades e direitos communs surgin inevitavelmente como verdadeira *produção espontanea do solo catholico*, para nos servirmos da linguagem expressiva de Leão XIII, embora aqui houvesse em parte, como ha sempre, a intervenção provisoria de elementos estrangeiros, tambem ao abrigo das mesmas liberdades e direitos, para a fecundação inicial indispensavel.

As aspirações de almas christãs, os sentimentos de catholicos generosos e as proprias necessidades da administração publica, determinaram essa cultura e fructificação do espirito religioso, para elevados fins da vida humana e da vida nacional.

Estes fins eram e são, como sempre, a observancia voluntaria dos conselhos evangelicos e o exercicio dos diversos ministerios de educação e de caridade, não só na metropole, mas tambem no ultramar, onde as conveniencias politicas e moraes de Portugal, e até as suas obrigações internacionaes, exigiam a expansão do apostolado missicario.

Para a formação da vida religiosa nacional, iam portuguezes a outros paizes, d'onde voltavam com as condições indispensaveis. Este facto não era nem póde ser prohibido por nenhuma lei.

Exactamente para a mesma formação e para o esboço das novas missões coloniaes, vinham estrangeiros a Portugal, ao abrigo das leis communs e dos tratados, ou de accordo com os governos.

Cumpre considerar que os religiosos estrangeiros estabelecendo-se legalmente em Portugal e seus dominios, só o faziam ou fazem de um modo provisório, quer estejam em casas de formação de pessoal, quer se achem nas missões ultramarinas.

A educação propria, os habitos adquiridos, as idéas, a lingua, as relações sociaes, as necessidades da sua patria e tantas outras circumstancias, tendem naturalmente a fixal-os no seu proprio paiz, ou nas colonias quelle pertencam.

Só com grandes sacrificios vinham ou

veem a Portugal; e, por isso mesmo, como por outras muitas razões imperativas, o seu fim exclusivo foi, é, e ha de ser sempre, dar o primeiro impulso ás obras a que se destinam e formar pessoal nacional, que por isso só continue e perpetue o movimento iniciado

Já hoje são apenas compostas de portuguezes, ou teem só dois ou tres estrangeiros, geralmente valetudinarios, quasi todas as associações religiosas existentes. Só duas congregações missionarias, estabelecidas mais recentemente, a do Espirito Santo e a de S. José de Cluny, teem ainda um numero consideravel de membros estrangeiros, mas ainda assim a maior parte do seu pessoal é já portuguez, e d'aqui a pouco todo elle o ha de ser necessariamente.

Assim procederam os Apostolos, que eram estrangeiros em toda a parte, e abriam caminho para a fundação e desenvolvimento das Egrejas com elementos do paiz. Assim succedera já em Portugal tambem com as proprias ordens religiosas no conego da monarchia e nos primeiros periodos da nossa historia colonial.

E assim tem isto sido em tudo. Estrangeiros vieram para a conquista e povoação de Portugal durante a primeira dynastia, para as navegações e colonisação nos seculos XV e XVI, para os empreendimentos da industria e do commercio promovidos pela dictadura de Pombal e até para as suas reformas do exercito e da instrucção. Estrangeiros tivemos de mandar vir em nossos dias para dar o primeiro impulso a estabelecimentos de ensino tecnico, de produção fabril e de construcções especiaes.

Nunca factos d'esta ordem concorreram para a nossa desnacionalisação, ou para a nossa ruina, mas sim para o nosso progresso e desenvolvimento. Só perdemos a nossa independencia uma vez, mas por causa de divisões intestinas, que exactamente os estrangeiros—Isabel Tudor, Catharina de Medicis, Henrique de Valois, e outros—com bons olhos condemnavam, e que de novo tantas paixões tratam agora de promover. Perdas de territorios, de prestigios e de suzeranias coloniaes, temol-as nós tido muitas vezes, mas justamente como consequencia do golpe formidavel dado ás missões dos jesuitas e das ordens religiosas em geral, em Angola, em Moçambique e no Oriente, como o insuspeito Johnston lembrava na hora em que eramos lançados pelo *ultimatum* de 1890.

E' certo que ha estrangeiros que nos fazem mal, e neste momento são em maior numero do que o publico imagina. Alguns homens e senhoras de outros paizes, que ainda ahi haja em

associações religiosas, só nos fazem bem, e todo o seu desejo é ter successores exclusivamente portugueses.

O mytho das riquezas

As associações religiosas existentes não possuem bens. Não se verifica, pois, a respeito d'ellas a amortisação ou immobilisação da propriedade, que servia de base ás allegações de ordem economica e fiscal oppostas ás communitades das ordens regulares do velho regimen.

Os membros das novas associações, e quaesquer religiosos em geral, usufruem predios por arrendamento, por favor especial, ou por direito de propriedade, pertencendo, porém, sempre esses predios a particulares e estando sujeitos ás leis economicas da circulação das riquezas, ás leis civis communs dos contractos e da successão legitima e testamentaria, e ás leis de contribuição de registo, com todas as vantagens fiscaes correlativas, como os bens de todos os outros cidadãos.

Esses religiosos de ambos os sexos vivem do fructo do seu trabalho e da generosidade dos fieis; generosidade a que sob muitos aspectos nunca se poderá impor limites, porque as restricções já estabelecidas na antiga legislação e no Código Civil nunca poderiam ser estendidas a factos de liberdade individual absolutamente inattíngiveis por qualquer lei. Tambem o Estado subsidia em grande parte a obra das missões ultramarinas.

Esses donativos e offerendas da generosidade christã são os mesmos que appareceram logo na epocha primitiva da Igreja nos proprios tempos do Redemptor e dos Apostolos. Não resultam de nenhuma suggestões, nem de quaesquer influencias estranhas, mas representam o impulso espontaneo da caridade e dos mais profundos e piedosos sentimentos do coração humano. São factos que se manifestarão sempre nas sociedades christãs, onde a fé e o amor do proximo nunca deixarão de dar recursos a todas as instituições e obras, que, directa ou indirectamente, correspondam ás necessidades moraes e materiaes dos elementos ou classes com mais precisão de cuidados, protecções e beneficios.

Todos os meios que os religiosos chegam a reunir são para a sustentação da sua vida modesta e para os seus estabelecimentos de educação, de caridade, e de civilisação ultramarina. Se alguma vez houve alguma remessa de fundos para o estrangeiro, foi unicamente como preço de objectos e artigos indispensaveis para os seus fins em Portugal e nas colonias.

Os proprios religiosos estrangeiros,

que teem vindo para Portugal já formados, representam pelo contrario, em boa economia social, capitaes avultados e productivos, com que os outros paizes nos teem auxiliado. Ao mesmo tempo é sabido que associações de fé e piedade do estrangeiro nos mandam até subsidios annuaes importantes para alento das nossas missões ultramarinas.

Os estabelecimentos existentes, allegados como prova da riqueza das associações religiosas, demonstram apenas como são grandes os resultados do trabalho, da economia, da boa administração e da piedade christã, comprehendendo-se como diante de factos analogos se impressionaram e romperam em louvores os grandes espiritos de Taine e de Leroy Beaulieu. É no fim de tudo elles são apenas para usufructo commum de creanças, adolescentes, orphãos, viúvas, velhos e invalidos, e enfermos, ou de pobres indigenas africanos, que ahi recebem tantos beneficios moraes e materiaes, com summas vantagens para as familias, para a sociedade, para o Estado e para a civilisação humana.

Podemos bem dizer que n'este momento centenas de milhares de individuos teem a sua vida travada por varias maneiras com a d'esses elementos religiosos, sendo na sua maior parte contemplados com preciosos e insubstituiveis dons da caridade.

A realidade dos bens

O apostolado e a acção dos religiosos exercem uma influencia vasta, profunda e salutar na vida e economia das familias, da sociedade e do Estado.

Nos collegios, orphanatos, officinas e missões dos religiosos, ha milhares e milhares de creanças e adolescentes de ambos os sexos, pertencentes ás classes ricas, medianas, pobres e proletarias, ou sahidas das infelizes tribus das colonias. Ahi se fornece a instrucção primaria e secundaria, se ensinam artes e officios, se dá até o pão de cada dia como fructo de esmolos e donativos, se ministra uma educação physica e moral adequada, formando-se os corações e os caracteres no amor e pratica dos deveres para com Deus, para com os paes e para com os outros homens, com perfeita segurança, inalteravel tranquillidade e immensas vantagens de todas as especies para as familias a que pertence todo esse pessoal discente.

D'ali sahem os elementos com que depois se constituem as melhores familias; aquellas onde o cumprimento dos deveres e obrigações reciprocas é mais satisfatorio; onde são louvaveis e edificantes os costumes e os exemplos; onde as novas gerações rebentam e crescem n'uma atmospheria de perfei-

ção progressiva; onde todos estes factos asseguram as melhores condições de vida individual e domestica.

De tudo isto, dos outros apostolados e misteres que os religiosos exercem pela acção da caridade nos asylos, e em diversos estabelecimentos de beneficencia, como tambem das suas evangelisações de fé e exemplos de virtude em toda a parte, resultam incalculaveis efeitos moraes para a sociedade portugueza e para as nossas colonias. A sociedade tem assim misericordias e confortos para os seus membros mais soffredores, soccorros e amparos para os seus pobres, luzes e lenitivos para os seus proletarios, trabalhos e producções para muitos elementos, idéas e costumes de ordem, de paz e de amor para uma grande multidão de individuos de todas as classes. O ultramar tem assim enfermeiros, onde cahem soldados e gemem colonos, civilisações onde havia selvagerias, liberdades onde negrejavam escravidões, aldeamentos christãos onde estavam desertos, formações sociaes nascentes, com verdadeiras familias e bellos esboços de propriedade e de industria onde vegetavam tribus entregues á feiticaria, á polygamia e a costumes barbaros.

Se das relações que toda esta acção estabelece, muitas vezes resulta o surgimento de vocações religiosas, este facto, longe de derivar de phantasiadas suggestões, para alliciação de pessoas ricas ou bem prendadas, como se chega a insinuar, é espontaneo, natural e inevitavel, e tem a sua explicação nos sentimentos mais profundos da alma christã. Ao mesmo tempo é vantajoso para a sociedade inteira, porque lhe garante a continuação de todos os apostolados de fé e obras de caridade com que ella se consolida, se dignifica e se aperfeiçoa. O Estado finalmente possui em todos esses ministerios de acção religiosa e nos efeitos individuaes, domesticos e sociaes que elles produzem, auxilios poderosos na sua missão de justiça, cooperacões vantajosas no cumprimento dos seus deveres de protecção, de beneficencia e de fomento economico, apoios e garantias na conservação da ordem e do principio da auctoridade, mananciaes de prestigios politicos, de soberanias effectivas e de progressos de toda a especie na sua administração colonial.

A visão dos males

O decreto de 10 de março, as campanhas de uma parte da imprensa, o caracter das manifestações de certos elementos e por fim os lamentaveis actos de violencia que temos presenciado, produziram já graves perturbações e danos nas associações religiosas, na vida de muitos estabelecimentos de

educação e de caridade, nas condições de existencia de numerosissimos individuos e familias e da propria sociedade. Ha desorganizações e desequilibrios, ha desassocegos, dôres e lagrimas, e ha tambem prejuizos, fomes e miserias. Ha factos que bradam aos ceus.

Essas perturbações e damnos, assumiriam proporções colossaes e attingiriam depressa o proprio Estado por muitas maneiras deploraveis, se continuasse esta inesperada tragedia de demolição, com todos os seus derrubamentos, abalos e commoções. Na metropole e nas colónias, os estragos, os males e as ruinas seriam verdadeiramente formidaveis. Estas devastações repentinas de um tufão revolucionario, estas destruições e calamidades surprehendedentes, produziriam deslocamentos assombrosos e tristissimos nas condições moraes, economicas, sociaes e politicas do paiz, desgraçando Portugal e as suas dependencias ultramarinas.

A bondade ingenita da raça portugueza, o bom senso e a justiça dos homens, o amor da ordem, do progresso, da religião e da patria, o criterio luminoso da razão governativa, evitarão decerto a Portugal taes infortunios e cataclysmos. Cooperemos todos para o cumprimento d'este dever.



DEVOÇÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria.—S. João Baptista disse a Santa Brigida: Em qualquer necessidade em que o homem se encontrar, se de todo o coração invocar a Rainha do Céu, a Mãe de Deus, será salvo (l. I *Revel.* c. 31).

Invocae a Maria.—Santa Maria socorrei os miseraveis; fazer que todos sintam o vosso auxilio. «Com razão vos chamam Mãe de caridade» (Ibid. I. 4, c. 74).

Alegrae a Maria.—Orando fervorosamente; tomando a serio o grande negocio da salvação, e fazendo que os outros assim procediam tambem.—*Desejo ser servo da Mãe, para conseguir ser servo do Filho.* (S. Ibid).

SECÇÃO DOCTRINAL

Um manifesto . . . á altura

Houve cincoenta e sete *liberaes* bracharenses que tambem fizeram figura, publicando, nas actuaes circunstancias, um *manifesto* ao paiz. Começam assim:

«Vimos proclamar bem alto, com aquella isenção que é propria dos homens livres, a nossa intransigencia com a reacção; e afirmar d'um modo claro e positivo os nossos principios liberaes».

Fazem elles o que devem. Proclamem bem alto a sua intransigencia com a reacção.

«¿Para que tantas hesitações, que ameaçam perturbar profundamente a ordem publica, e produzir funestas consequencias?»

Com que então as hesitações de vossas excellencias é que fazem perturbar profundamente a ordem publica? Ninguem tal diria. Estou mesmo em suppor, que, se os jornaes se calassem, ninguem mais teria ouvido os *clamores publicos*. Os snrs. é que fizeram todo o barulho.

«¿Serão caso novo na historia as medidas que se devem adoptar agora, e que já deviam ter sido postas em pratica ha muito mais tempo, para bem de todos?»

Ninguem diz que as *medidas* sejam caso novo, senão vossas excellencias que morrem d'amores pelo marquez do Pombal, porque elle está enterrado ha mais d'um seculo. Se elle existisse hoje, outro gallo lhes cantaria, porque elle havia de ter um amor excessivo aos republicanos, socialistas e petroleiros d'hoje. . . e havia de tratá-os com toda a urbanidade, podem acreditar-o.

«¿Não diz a Historia, que outr'ora os jesuitas foram expulsos de todas as nações catholicas? que Portugal os expulsára em 1759,—a França em 1762 e depois em 1881,—como prejudiciaes e nocivos á sociedade?»

Diz, sim senhores. A historia diz tudo isso. Diz tambem que o papa Clemente XIV aboliu a Companhia de Jesus em 1773. Mas tambem diz que elles foram mantidos por Frederico II da Prussia, e que Pio VII os *restabeleceu* primeiramente para a Prussia em 1801, e depois *para todo o mundo catholico* em 1814. Já veem que uma proscricção não é uma coisa que pre-

valeça indefinidamente. Póde ser restabelecida a ordem, mesmo porque o seculo XX não é precisamente o seculo XIX. Permittam-me agora uma pequena divagação; que se resume n'uma simples pergunta. Porque será que vossas excellencias usam as interrogações á hespanhola, contra a indole da lingua portugueza? Será isso uma affirmacção maçonica, ou liberal? Os anjos que respondam.

«Ah! mas são como a celebre Phenix, ave fabulosa, que vivia muitos seculos, e, depois de morta, renascia das proprias cinzas.

«Dizem que elles são necessarios á religião, e que Sua Santidade os recomenda: mas então porque é que Clemente XIV diz na sua bulla de 21 de julho de 1773, que extingue a Companhia, o seguinte: «Apenas a Sociedade estava constituida, logo appareceram diversas sementes de divisões e de inveja, não só entre seus proprios membros mas ainda em relação a outras corporações e ordens regulares, bem como relativamente ao clero secular, academias, universidades, collegios publicos, bellas artes, e até a respeito dos principes que as haviam recebido em seus Estados. Em vez de todas as precauções serem sufficientes para acalmar e apaziguar os clamores e as queixas contra a Sociedade, vê-se ao contrario levantarem-se em quasi todas as partes do mundo discussões muito penosas contra a sua doutrina: *Universum pené orbem? pervaserunt molestissimæ contentiones de societatis doctrina*, que muitas pessoas denunciavam como opposta á fé orthodoxa e aos bons costumes.

«As dissensões atearam se cada vez mais na Sociedade, e externamente as accusações contra a Sociedade tornaram-se mais frequentes.»

«Não podemos aqui reproduzir tudo quanto Sua Santidade disse em desabono d'essas associações.

Pois é pena. Se vossas excellencias o fizessem, ficava mais extenso o manifesto, e mais importante o seu assumpto. Mas pouco adiantavam com isso, porque a bulla de Sua Santidade Clemente XIV ficou invalidada com as bullas dos seus successores. O seu *latino* é esplendido, assim como a traducção.

«¿Mudariam ellas hoje de natureza? Não o crêmos, porque a sua divisa é: *sint ut sunt aut non sint*: sejam como são, ou não existam.

Quem disse aos signatarios que a divisa da Companhia é essa? Nunca o foi. Essa phrase foi *attribuida* a Lou-

renço Ricci, geral da Companhia, quando a Santa Sé o intimou a fazer reformar os seus costumes.

E como vossas excellencias talvez a escrevessem, sem a comprehenderem, vamos traduzil a, para sua illucidação e dos demais leitores: *Conserve-se tudo como está, ou nada se conserve.* Ha quem affirme, porém, (sem ser escriptor ecclesiastico) que essa phrase foi dita por Clemente XIII. Seja, porém, como fôr, não é como vossas excellencias dizem.

«A' vista das razões acima transcritas, e da alta proveniencia d'ellas, será absurdo, e até heresia dizer que os liberaes offendem a religião do Estado quando pedem que as leis relativas ás ordens regulares se cumpram.

«As ordens religiosas caíram em 1834; e a nossa religião ficou de pé sem nada soffrer na integridade.

«Não... não podem ser amigas do progresso, da civilisação instituições que têm diante de si a recordar-lhes o seu ominoso passado, como um espectro horrivel, os arquivos do terrivel tribunal da inquisição.

«Perto de quarenta mil processos restam ainda (diz o illustre historiador Alexandre Herculano), restam ainda para darem testemunho de scenas medonhas, de atrocidades sem exemplo, de longas agonias.»

«Não podem ser amigas da civilisação e da verdadeira sciencia, associações que amarguraram os ultimos dias de Galileu, o mais illustre representante do movimento filosofico do seculo 16.^o —desgostos amarissimos foram elles, que esmagaram o generoso coração d'aquelle grande homem.

«Não... não podem ser amigas da luz da civilisação instituições que entenebreceram por mais de dois seculos quasi todos os paizes da Europa meridional, os quaes ainda hoje se resentem d'essa nefasta e fatal influencia.»

A respeito de inquisição, temos conversado. Já aqui o dissemos, no numero passado, e tornamos a repetil-o. A inquisição era mais um tribunal politico, do que religioso. E os jesuitas foram sempre o seu maior inimigo. Por ahi não vae o gato ás filhozes. Procurem outro assumpto, porque esse... *não gruda.*

«Como podem ser afeiçãoadas á liberdade instituições que tiveram, e ainda hoje têm por principal missão combater a liberdade de pensamento e de consciencia, direitos naturaes, que são absolutamente indispensaveis para a *realisação* do fim do homem e da sociedade? E querem viver á sombra da *arvore frondosa da liberdade institui-*

ções que, por condição e natureza, conspiram contra ella!»

Contra que liberdade combate a Egreja catholica? Pois não tem Portugal uma liberdade invejavel, dizendo toda a gente quanto quer e lhe apetece? Oppõe-se a Egreja a isso? Não tem a imprensa periodica plena liberdade, como não tem paiz algum da Europa, chegando alguns jornaes republicanos e socialistas a injuriarem a religião, dizendo até obscenidades contra os dogmas, e contra o culto catholico? E a Egreja tentou por ventura impedil-os? Houve algum prelado portuguez que os excommungasse, como teem feito prelados estrangeiros, e mórmente hespanhóes, que, além da excommunhão fulminada teem chegado a ponto de prohibirem os catholicos de lerem esses jornaes? Já é faltar á verdade, por gosto! E' contradizer a verdade, reconhecida por tal.

O que os catholicos não querem, por simples interesse das almas, é que o povo seja impio e irreligioso... mas n'esse ponto não fazem mal, antes beneficiam os seus semelhantes.

«Não transigiremos pois, com a reacção, nem com associações que são a negação das sublimes teorias moraes do Christianismo; porque se continuassem a ficar, ficava subsistindo d'um modo permanente, afflictivo, um elemento de perturbação e discordia no meio social.

Seguiremos o brioso exemplo da heroica cidade do Porto, a qual, por excellencia, se denomina o baluarte da liberdade, porque tendo salvado as instituições liberaes em 1834, cabe-lhe ainda a gloriosa missão de salvaguardar das investidas da reacção esse precioso direito, sem o qual o homem não poderia realizar a sua elevada missão no mundo.»

O Porto *salvou as instituições liberaes* em 1834, porque D. Pedro se veio acolher a esta cidade, e aqui fixou a sua residencia e o campo da resistencia contra a usurpação de seu irmão D. Miguel. Se em vez de aportar ao Porto, a esquadra liberal em 1832, tivesse aportado a Vianna, a Setubal, a Lisboa ou ao Algarve, já não era o Porto que *salvava as instituições liberaes*, porque o decreto *mata-frades* seria firmado n'outra terra. Então o Porto é só o baluarte da liberdade? E' mais; é muito mais do que isso. O Porto é, (ainda que lhes pese aos snrs. jacobinos e *tutti quanti*) a cidade da Virgem, a primeira cidade religiosa de Portugal. E, como conhece a tactiva dos seus inimigos, saberá oppôr-se aos seus desejos.

Tenham essa plena convicção.

Termina d'esta forma, o grande parto demosthenico:

Temos a salvar essa honrada herança de avós; lembremo-nos de que os ossos dos que nos deixaram tão precioso legado ainda não estão inteiramente desfeitos debaixo das lageas das sepulturas.

Se os reaccionarios julgam deter a corrente do progresso com reacções, moralmente impossiveis, enganam-se; por isso que, faltos de patriotismo, só conseguem obscurecer o seu paiz; e porque havendo, como ha, em outros, focos luminosos de saber profundo, que de si diffundem raios de luz para toda a parte, torna-se já agora impossivel o retrocesso da humanidade.

Finalmente entre reacção e liberdade não ha que hesitar: por nossa parte, abraçamos com profundo affecto a liberdade, esse direito sagrado e caracteristico da personalidade humana, e sem o qual o homem não poderia realizar no mundo o fim que lhe foi assignado por Deus.

N'esta reclamação incluímos todas as ordens regulares, condemnadas pelas leis vigentes; visto que todas ellas são anacronicas, e participam do mesmo espirito e natureza, incompativeis com o progresso da civilisação e luzes do seculo.»

(Seguem-se as assignaturas).

Os reaccionarios são faltos de patriotismo, por quererem a integridade da religião. Mas quer não. Patriotismo teem-no elles, os liberaes-republicanos bracharenses, e os liberaes-republicanos brasileiros, que assignam o manifesto.

Bem diz a Biblia que *numerus stultorum est infinitus.*

A. PEIXOTO DO AMARAL.

Voltarão os Frades?

AO COERER DA PENNA

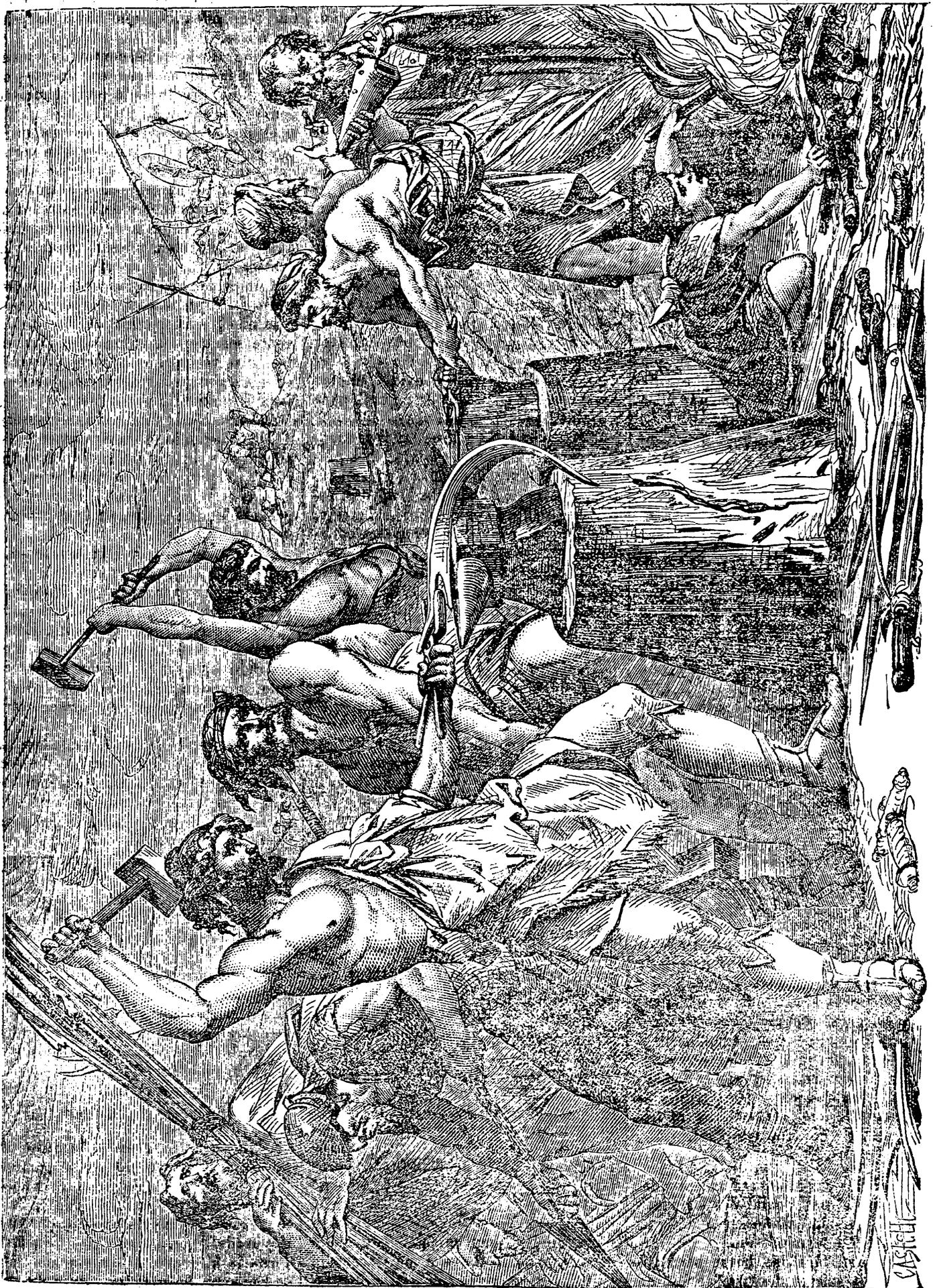
(Continuação)

Tudo contra!

A vida monastica.

Ha pessoas tão ignorantes ou de tão má fé, que julgam e dizem, que não havia melhor vida, do que a dos frades. Affirmam até, que, se hoje existissem conventos, já lá estariam, não, de certo, para cumprirem á risca as determinações das respectivas regras, mas para passarem tão bem e gosarem tanto, como entendem, que os Frades passavam.

Entendem esses individuos, e apregoam, que os Frades entravam e saiam dos conventos, como e quando queriam;



Os partidarios d'Antigono fabricam armas

que admittiam nas suas cellas toda e qualquer pessoa e a qualquer hora e sem distincção de idade, de condicção e até de sexo!

Apregoam, que os Frades passeavam quando e por onde queriam, iam á caça, aos bailes, aos jogos, ás toiradas aos theatros e a toda a casta de divertimentos profanos.

Entendem, que os frades não só tinham meza lauta, mas cada um comia quanto queria, do que queria e quando lhe apetecia; que a adega estava sempre ás ordens e que, n'ella ou fóra d'ella, cada frade podia beber á vontade a quantidade e da qualidade de vinho, que lhe apetecesse; que não havia vida melhor nem mais regalada, sem sujeição nem trabalho e com as refeições sempre variadas e abundantes; e que era cada convento uma orgia e cada conventual um mandrião, que não fazia mais do que comer e dormir.

Nós já tratámos de provar o contrario e podemos afirmar, que n'um convento estavam as coisas tão bem regularizadas como n'um quartel.

N'este, os soldados e officiaes obedecem ao seu commandante e seguem á risca as leis militares sob pena de bem rigoroso castigo.

Nos conventos, todos obedeciam ao prelado, sob pena de castigo não menos severo.

Os militares obedecem, todos aos generaes da arma respectiva e acima d'elles aos chefes das Nações.

Os frades obedeciam superiormente aos seus provinciaes, aos geráes e ao chefe supremo da Igreja catholica.

Nos quartéis, os toques das cornetas indicam aos soldados os diversos serviços, as occasiões d'estes e as horas do rancho.

Nos conventos, os toques dos sinos indicam as rezas, o repouso, as horas de recreio, e as do refeitório.

*

Nos quartéis quem desobedece aos seus chefes e superiores, é mettido no calabouço e é julgado em conselho de guerra, se o caso é mais grave.

Nos conventos, os frades desobedientes ou relapsos eram mettidos no tronco, soffriam disciplinas em certos casos e eram julgados em capitulo, se commettiam crimes contra as disposições canonicas; e eram julgados pelos tribunaes civis, se os crimes eram contra as leis e decretos do governo temporal.

*

No refeitório nenhum era exceptuado, nas horas e nas qualidades e quantidades de comidas a não ser quando os medicos tal determinassem.

E nenhum, fóra das horas permittidas, poderia sair ou demorar-se fóra do claustro sem a previa licença do supe-

rior, como o soldado não póde estar ausente do quartel sem auctorisação competente, depois que as cornetas tocam a recolher, como nos mosteiros tocam os sinos para fim identico.

*
* *

Vamos terminar a serie de argumentos contra os frades e que temos tratado de rebater.

Para isso, vamos apresentar uma anecdota, que, se não é verdadeira, é, pelo menos, muito verosimil e vem aqui muito a proposito, segundo entendemos.

N'um mosteiro de Lisboa houve um solemne *Triduo*, por um motivo, que para o nosso proposito, não é mister averiguar.

O prelado da casa convidou muitas das principaes pessoas da capital, para assistirem aos festejos.

E, para que não soffressem incommodos em idas e vindas, mandou-lhes preparar aposentos: assim como determinou, que para regalo dos hospedes, estivesse sempre provido o refeitório, além das horas das costumadas collações.

Um dos hospedes fingia-se muito amigo dos frades, mas interiormente desejava a extincção dos conventos, o que por mais de uma vez manifestou ao Monarcha, de quem era cortezão.

Dos que contam esta anecdota, uns affirmam, que o monarcha era D. João V; outros, que era D. José I.

Mas isso tambem não importa, para o caso. Vamos adiante.

Os hospedes foram tratados com a maxima urbanidade e não lhes faltaram commodos, nem distracções.

E, como eram dias de festa, nem havia tanto rigor no cumprimento dos deveres monasticos, nem deixava de haver variedades nas comidas e animação nas palestras.

Acabados os festejos, foram despedidos os hospedes, depois de uma delicada merenda, que ao tal hospede já pareceu pouco abundante, mas que não deixou de agradar-lhe.

Os hospedes retiraram-se satisfeitos pelo bom acolhimento, que haviam tido e pelo que admiraram no brilhantismo das festas. Não menos satisfeitos ficaram os frades, conscios de haverem praticado um acto de delicadeza, para a qual tão bom ensejo lhes déra aquelle *Triduo*.

O tal hospede dirigiu se para o paço real, onde havia um baile, e ahi contando ao monarcha tudo o que no convento passara, concluiu por dizer, que os Frades estavam sempre em festa, que nos conventos só se tratava de passar bem, e que a mais acertada medida, seria acabar com taes institutos.

O monarcha ouviu-o silencioso e no fim respondeu-lhe, que havia de pensar n'isso.

O ingrato hospede continuou a insistir, fundando os seus argumentos no que tinha presenciado, em quanto no convento estivera.

O monarcha enfadado com a insistencia, entregou-lhe um dia uma carta, para que o cortezão a levasse no dia immediato ao mesmo (ou a outro) convento e que, depois de a entregar ao prelado, este o havia de encarregar de uma tão honrosa missão, quanto lucrativa.

Cumpridas as regias ordens, o cortezão foi tratado com toda a cortezia, mas não lhe foi permittido sair do convento sem licença do prelado. Durante tres dias recebeu as maiores provas de estima e comeu das eguarias, que desejava e quando lhe apeteciam.

O cortezão extranhava a clausura.

Mas, como o bom tratamento lhe adoçava as agruras do *captivo*, soffria resignado todas as contrariedades.

A essas extranhezas, respondia o prelado, dizendo, que, «apenas cumpria as ordens de El-Rei.»

Ao quarto dia, porém, tornou-se o caso mais serio.

De madrugada tocou a *Matinas* e um leigo obrigou o cortezão a deixar a cama e a envergar um habito. Entregou-lhe breviario, competentemente registrado e, por determinação do prelado, mandou-lhe, que fosse para o côro a fim de rezar com os seus companheiros.

Como o cortezão se desculpasse, dizendo, que não sabia latim, entregou-lhe o leigo um rosario, dizendo-lhe, que, «em tal caso, viesse com elle, para, com os leigos, rezar as *horas canonicas pelas contas*.»

Como o hospede não era professo, não lhe foi aberta a coroa, mas não foi dispensado de cumprir todas as obrigações de leigo e de noviço e foi obrigado a dormir n'um leito, como o dos frades.

Assim, durante um mez, ajudava ás missas, assistia ás aulas, lia na livraria, e no refeitório, seguia o tratamento ordinario, não se queixava das madrugadas, soffria as disciplinas, sujeitava-se ao silencio, cumpria, em fim, todas as obrigações monasticas e não estava isempto dos castigos, quando os merecia.

Mandou então o cortezão pedir com muita instancia ao monarcha, para que lhe concedesse a graça de sair d'ali.

Concedida a graça, perguntou-lhe o monarcha, se havia gostado do viver dos frades, porque no caso affirmativo, tornaria a mandal-o para um convento.

Então o *hospede* já não censurava os regalos do mosteiro, mas os rigores

do viver monastico, e muito agradeceu ao Monarcha, o não ter sido mandado para um convento da ordem mendicante, livrando-se assim do *divertimento* de andar com a sacóla no serviço do peditorio.

*
* * *

Agora, terminando estas considerações, diremos, que muitos dos maldizentes estão no caso do tal hospede ingrato.

Como não são habitadores dos conventos, entendem, que n'estes só ha regalos e mandriice.

Se para lá fossem, diziam, que ninguém poderia lá viver por causa das penitencias, dos jejuns e dos rigores da ordem.

Em qualquer dos casos, applaudem a medida da extincção dos conventos.

UM CATHOLICO.

SECÇÃO CRITICA

Socialismo, christianismo e catholicismo

Culto é a homenagem, ou juramento de fidelidade que tributamos a Deus, ou a outros seres por Seu respeito. E porque nos havemos nós de affligir por bens d'este mundo? Aquillo que nos parece um mal não é muitissimas vezes mal algum, é um engano talvez.

Sem a vontade ou permissão do bom Deus nada mal ou bom nos acontece. Illusões opticas e outras tantissimas illusões nos enganam; sómente o bom Deus não incommoda: por isso, dizemos sempre, a lei divina é tam boa, tam justa e tam salutar!...

Assim praza tanto a Deus que todas nossas leis vão fundadas na divina lei! Nós temos leis a flux, é muito verdade; o que, porém, não temos é lei bastante, quero dizer lei que satisfaça. Para tanto seria preciso haver muitas experiencias e moral pratica, e actividade ou energia politica, religiosa, philosophica, litteraria, prudencia e piedade... A verdadeira piedade, tam indispensavel, tam util a todos, e muitissimas vezes desprezada pelos imprudentes paes, que, pela educação que davam aos seus filhinhos até os tornam impios, e, as mais das vezes, até sem o saberem. Pobres creanças! Fazer o que Deus quer é a certeza do bom futuro. Não ensinam as pobres creancinhas a soffrer moralmente!!... «Quanto é mau, diz o evangelista S. Mathheus, o caminho que nos conduz á vida eterna!» Pelos telegrammas do Porto, idos para Lisboa, ha dias, lia eu as primeiras noticias, que são as

que valem mais: e por ellas vejo que os rapazes do Porto não estão mais civilizados que os da minha pobre aldeia. Se continuam assim estamos em pantana. Os rapazes são os futuros homens. Diz o meu sapateiro que vieram de fóra tantos carros, a carregar, de padres!!! Aonde param elles, que ninguém os vê? Mentir e roubar, e roubar e mentir: é o que ha cá. E' preciso ser do seu tempo, como dizem por aqui os paes, dos filhos d'elles; são filhos do tempo; são filhos do vento, lhes digo eu com muita pachorra.

Levados por tantos ventos de tantas e varias doutrinas, regeitam as doutrinas de Christo e o respeito ás leis, — santas, sagradas. Procuram a felicidade aonde não está; querem feliciciar por onde haviam de acabar!...

Ha d'isso muitissimo. Falta de critica, falta de methodo, é no que se resume um tal criterio. São filhos do tempo! E o peor ainda é, que me parece a mim estar ouvindo, tam acostumado estou a ouvir escarnecer impudentemente das cousas religiosas: os rapazes novos e os velhos dizerem: *Sarvilho e Methôdo*, como a mim aqui ensinaram, e sem contestação!

«A commentos depravados
Nunca a virtude escapou.»

Pimentel Maldonado.

Quem não quer a religião verdadeira certamente a quer falsa. Sim, falsidades e mentiras é o que muita gente quer para enriquecer e gosar; nós, religiosos e padres, como devemos sel-o, devemos ser menos avidos e sofregos de riquezas, e prazeres transitorios, que os negociantes e financeiros em accumular dinheiro em ouro, prata, ou papel, que os ladrões roubam, ou desfazem os roedores. Este verme insaciavel da moderna sociedade tudo nos absorve. A divida que chamam externa, fluctuante, os melhoramentos que não produzem, trabalhos e despezas que não compensam, etc., induz-nos tudo isto a crer que não vamos bem. «Eu quanto mais pago mais perco meu dinheiro, pelo menos, perco até o meu tempo.» E' o nosso povo que isto diz; mas vae pagando com lingua de palmo até passar os haveres a outros possuidores.

Hoje aquelle cultivador que se metter a juros está perdido. Se não fóra o Brazil haveria em Portugal bastante menos cultura. O agricultor vae tirar dinheiro a juros; e porque os juros não dão para tudo e todos, ou tem de ir para o Brazil ou entregar os bens ao usurario. Este, porque não possa ganhar os bens por falta de braços, tambem perde muito, e o publico invalido;

porque dá mais o crú que o seu. Diz-se que o predio rustico do Minho apenas rende 2 1/2 p. c.!...: accordo que nós, os escravos das glebas, estamos servidos!

Esperamos pela viticultura, pelos resultados das questões coloniaes, financeiras, etc.! O Governo impotente para tantas cousas boas, não mede o abysmo. Deus e Jesus Christo escreve direito por linhas tortas. Nem por muito se madrugar amanhece mais cedo. E Deus faz sempre o que muito bem quer. Assim tantas cousas.

O peor é nós estarmos adeantados mais de cem, duzentos, trezentos annos atraz, conforme nós estamos vendo e presenciando—inquisição, dioclecianismo, paganismo, emfim, na educação, etc.

Quem déra entre nós agora um santo Cyrillo e Methodio, a quem o amor fraternal uniu, tam bem unidos na piedade. Porque não havemos de nós tambem retrogradar aos tempos de 869, em que Cyrillo terminou em Roma o curso de sua vida?

(Continúa.)

A. S. FERREIRA.

SECÇÃO ILLUSTRADA

S. Romão, Martyr

(Vid. pag. 87)

Este martyr, da santa Igreja de Jesus Christo, havia sido soldado no exercito romano, no tempo do imperador Valeriano, e n'essa qualidade combateu contra os Francos e contra os Persas.

Convertido ao christianismo, em vista do martyrio do diacon. S. Lourenço, que foi assado n'uma grelha, teve tambem n'esse mesmo anno (258) a palma do martyrio, juntamente com mais companheiros, tambem confesores de Nosso Senhor Jesus Christo.

A Igreja Catholica commemora a sua festa no dia 9 d'Agosto.

*
* *

Os partidarios d'Antigono fabricam armas

(Vid. pag. 93)

Houve varios Antigonos, de que falla a Historia. Um d'elles foi rei da Phrygia, e foi appellidado o *Cyclope* (porque havia perdido um olho n'um combate). Outro, (Antigono Gonatas) foi rei da Macedonia. Outro, (Antigono-Doson (porque promettia muito, e dava pouco), foi tambem rei da Macedonia. Mas a nenhum d'esses se refere a gravura que hoje publica o *Progresso Catholico*.

Trata-se de Antigono, rei da Judeia, filho de Aristobulo II, e que foi duas vezes levado a Roma por Pompeu e por Gabinio, livre por Cesar, levado pelos Parthas a Jerusalem, no anno 38 antes de Christo. Cercado por Antonio no anno 35, foi aprisionado, açoutado e morto. Foi elle o ultimo dos Machabeus.

Foi n'uma d'essas occasiões, quando o poder Romano o tinha vencido, que os seus partidarios, preparando-se para a lucta, em sua defesa, fabricavam armas, como se vê na nossa gravura.

SECÇÃO NOTICIOSA

Resposta de Sua Magestade El-Rei

Sua Magestade El-Rei respondeu o seguinte á commissão que na quinta-feira lhe foi entregar a representação pedindo a manutenção das congregações religiosas:

"Como Rei de um paiz catholico, acceito a representação, que entregarei ao governo, para resolver a questão de forma consentanea com as leis do Estado.,,"

As leis do Estado, segundo os mais auctorizados juriscultos, não se oppõem á formação das associações religiosas, que para ahí estão funcionando.

O decreto de 30 de maio de 1831 desapareceu no mesmo dia em que destruiu antigos conventos de frades, ficando de pé apenas algumas disposições para os egressos, que hoje já não existem.

O decreto de 5 d'agosto de 1833 ainda está em vigor, mas só pôde ser applicado ao poucos conventos de freiras que existiam em 1833 e que ainda hoje subsistem.

Nenhum d'estes decretos pôde ser applicado ás associações religiosas actuaes, nem aos seus membros, nem a nenhuma das outras casas e estabelecimentos religiosos de qualquer natureza.

Portanto, se o governo cumprir as leis do Estado, como Sua Magestade El rei prometteu na sua qualidade de «Rei de um paiz catholico», as congregações religiosas existentes em Portugal nada terão que soffrer com o decreto de 10 de março ultimo, que as não pode visar.

E' esta a opinião dos mais abalisados juriscultos do nosso paiz, embora pareça não ser da mesma opinião o actual governo.

Irmandade da Lapa

Noticia o «Primeiro de Janeiro» de sexta-feira, 5, do corrente que, por informações que tem de absoluta fidelidade, uma senhora ou cavalheiro que se acoberta sob o anonymato, propôz á irmandade o estabelecimento d'um hospital e asylo para os irmãos d'aquella benemerita instituição, offerecendo 2:000 obrigações de 90\$000 réis cada uma, do juro de 4 1/2 por cento (180\$000\$000) para com o rendimento occorrer ás despezas da sustentação.

Segundo se lê na mesma noticia, o caridoso anonymo offerece tambem varias propriedades que computa em importancia superior a 20:000\$000 réis afim de ser o dinheiro applicado á construcção do edificio, que deverá ser construido na alameda fronteira ao magestoso templo da Lapa.

E depois de dizer que a mesa da irmandade já se reuniu para tratar d'esse assumpto, e que está nas melhores disposições de dar cumprimento ás generosas intenções do anonymo, conclue d'esta fórma:

«Grande terra é esta do Porto, onde cha almas tamanhas, que praticam «actos de tam alta benemerencia!»

Agora perguntamos ao supracitado jornal: E se esse anonymo fosse um jesuita, ou um *ajesuitado*, (d'aquelles contra quem tem movido tam dura quanto desleal guerra), tambem mereceria tam elevada referencia? E' de crêr que não. Dizia logo que tal offerta levava agua no bico, que era para ahí dar internato ás irmãs da caridade, que era para formar um novo *coio*... etc. etc.

Pois é para reccar, que se trate d'algun *ajesuitado*, pois que os *liberalões* republicanos não dão esmolas tam avultadas; e se alguma esmola dão, não se encobrem com o véo do anonymo, tocam com toda a força na trombeta da publicidade, pois que o seu forte não é a caridade, mas sim a philantropia... avariada.

Semana santa

Realisaram-se, com a pompa dos demais annos, as solemnidades religiosas, nos diversos templos d'esta cidade.

O tempo que parecia querer toldar-se, a ponto de não ser possivel ter sahido processionalmente a Senhora da Soledade do templo de S. Francisco, na terça-feira santa, apresentou-se esplendido nos dias 4 e 5.

Quinta feira, 4, estiveram brilhantemente adornados os templos do Carmo, Congregados, S. Francisco, Misericordia, Terço e Santo Ildefonso. A capella-mór da igreja do Carmo tinha 68 lustres, e a dos Congregados 78.

Houve a cerimonia do *Lava-pedes* na Sé, Clerigos, Misericordia, S. Fran-

cisco, Bomfim e Mathosinhos. Na Sé foi lavante o Rev.^{mo} Prelado, na Misericordia o Rev. Arthur Brandão, nos Clerigos o Rev. Dr. Antonio Joaquim Pereira, em S. Francisco o Rev. José Fernandes Lima, e no Bomfim e Mathosinhos os Rev. parochos.

Na sexta-feira, 5, celebraram-se, com grande concorrência de fieis, as ceremonias do enterro do Senhor, sahindo de tarde do templo de Santa Clara, a magestosa procissão, que percorreu o itinerario do costume. Atraz da procissão seguia toda a brigada, e a guarda municipal.

A' noite esteve exposto o *Calvario* nos templos do Carmo e Congregados.

Foi numerosissima a concorrência de fieis.

Varias noticias

—Devem chegar no dia 23 de junho pelas 10 horas da manhã ao Porto os manipuladores de tabacos de Lisboa. E' isso o que noticiam as folhas da capital. Aqui no Porto, segundo tambem se affirma, serão esperados pelos collegas, com bandas de musica, organizando-se um cortejo civico até á séde da respectiva associação de classe, e de tarde um *pic-nic* (*sic*) na esplanada da serra do Pilar. Não ha que vêr. Trata-se d'uma manifestação socialista, como as que se fizeram no anno passado, e que produziram os magnificos fractos que estamos presenciando. Consentil-o-ha a auctoridade?

—Teem continuado a apparecer pelo paiz as notas falsas de 5\$000 réis tendo já sido preso um hespanhol em S. Pedro do Sul, que as andava passando, e a quem se encontraram, entre algumas notas boas, bastante falsas.

—O snr. Waldec-Rousseau, presidente do conselho de ministros em França, que segundo os jornaes jacobinos diziam, fôra envenenado pelos jesuitas, está quasi restabelecido, tendo os medicos reconhecido que soffria d'um fleugmão na bocca, sendo-lhe necessario fazer uma operação. O que elle tem soffrido não é proveniente da má vontade dos jesuitas, apesar de todo o mal que elle lhes quer, é devido só e unicamente ao castigo da Providencia. Vejam o que aconteceu a Crispi, e a todos os que teem offendido a religião de Jesus Christo, na pessoa dos seus ministros.

—A sociedade de Geographia de Lisboa tambem projecta um passeio de recreio ao Porto, para commemorar a 25.^o anniversario da sua fundação. Partem de Lisboa no dia 27 d'este mez, devendo regressar a 29.

No domingo 28 haverá, n'esta cidade, sessão de recepção no edificio da Associação Commercial e depois visita a Leixões e outros pontos, em que está

incluido o Palacio de crystal. D'essa visita não resultará muito mal, porque não se trata de socialistas.

—Foi concedida permissão para se construir uma plata-fórma e lingoeira, para servir de estação de soccorros a naufragos, no porto de Leixões.

—Está tudo preparado no Funchal, para a recepção de Suas Magestades, na sua proxima viagem á Madeira. Já começaram as obras no palacio de S. Lourenço, onde se alojará a familia real. Os reparos a fazer, pela direcção das obras publicas são avaliados em 6:000\$000 réis. Suas magestades tambem vão aos Açores.

Falta de juizo

O snr. Luiz de Judicibus, socialista bem conhecido, que escreve no *Seculo* umas inqualificaveis verrinas contra a Igreja, e contra a religião, terminava da seguinte forma, o artigo (?) que ácerca das congregações religiosas publicou no numero de domingo 7 do corrente:

«Que saudades eu tenho de não apparecer um estadista da força do «1.º marquez do Pombal! Então El rei «podia contar com um conselheiro «leal e destemido.»

Este final é curioso e notabilissimo em todos os sentidos. Em primeiro lugar, elle tem saudades d'uma coisa que nunca viu, nem conheceu! Em segundo lugar, ai d'elle e de todos os Gnecos d'este mundo, que deixavam d'existir, se viesse de novo ao mundo o grande marquez de Pombal, ou outro qualquer estadista que com elle se parecesse.

Era pregado n'uma cruz em aspa, e depois queimado, e a sua cinza lançada ao Tejo!

E' curiosa tanta celeuma com o marquez de Pombal, a proposito dos jesuitas. Se o marquez existisse, e os jesuitas tivessem voltado de novo, não eram os Judicibus nem os Gnecos, nem quejandos que lhe iam lembrar a lei de 1759, porque tratavam de se esconder, ou de emigrar, para fugir á ira do maior defensor que em Portugal existiu do poder absoluto.

Os corvos

Lê-se n'um jornal de Lisboa que, por iniciativa do snr. Pinheiro de Mello se reuniram, ha dias, na sede da Associação dos Lojistas de Lisboa varios delegados das associações de socorro mutuo, afim de se accordar sobre o modo, como se deve proceder, quanto á representação que vae subir ao governo, pedindo-lhe a cedencia das casas religiosas supprimidas para sedes d'aquellas instituições de previdencia.

Já nós lá vamos. Ainda está o corvo vivo, e já os corvos andam a ro-

dear em volta d'elle, para o trucidarem, mal falleça.

Dívida fluctuante

O *Diario do Governo* publicou ha dias a nota do estado d'essa divida, em 31 de janeiro do corrente anno, a qual era o seguinte:

No paiz—42.210:145\$973 reis.

No estrangeiro, (comprehendendo os saques em conta dos diversos ministerios) 2.200:501\$380 reis; na Companhia dos Tabacos de Portugal (conta da indemnisação de Berne) 4.266:000\$000 reis. Total, reis 48.676:647\$353.

Macrobia

Falleceu na idade de 106 annos o snr. Francisco de Pinho, que foi em tempo despachante da alfandega do Porto.

O despachante snr. Silva Guerra está promovendo na alfandega uma subscripção a favor da familia do fallecido.

Novo rebocador

O ministerio da marinha concedeu passaporte real ao rebocador *Comercio* destinado á praça de Lisboa, e pertencente ao snr. dr. Mario Pinheiro Chagas, filho do finado estadista regenerador. Tem de arqueação 1:754 toneladas, de comprimento 18,^m88 e de frontal 2,^m40.

Publicações jornalisticas

Recebemos, entre outras, as seguintes, que muito agradecemos:

N.º 3, serie 4.ª do 7.º anno da excellente revista mensal de Braga *«A Voz de Santo Antonio.»* Vem interessantissima, como sempre, e illustra-se com quatro bellas gravuras, que são: *A Eucharistia, S. José, Christo e Magdalena, e Cruz no alto do monte da Boa Vista* (Montariol).

N.º 1 e 2, do segundo anno do valente quinzenario catholico *O Athleta christão*, que vê a luz da publicidade nos Arcos de Val de Vez, e de que é gerente o snr. Antonio Luiz da Silva Dantas, e redactor o Rev. Padre Geraldo de Vasconcellos.

O n.º 6 do 1.º anno da *Quinzena religiosa*, folha official do bispado da Madeira e cuja redacção está no seminario do Funchal.

O n.º 3 do *Vinte e tres de Novembro* folha official do bispado de Cochim, na India Inglesa, (provincia de Madrasta).

O n.º 1 do 7.º anno da excellente folha semanal bracharense *A voz da Verdade*, orgão official do arcebispado de Braga, a cuja redacção damos os nossos sinceros e cordeaes parabens.

Ja que tivemos ensejo de nos referirmos a tres jornaes orgãos officiaes de diferentes bispados, diremos que o

bispado do Porto não tem por enquanto jornal nenhum, que seja o seu orgão official.

A desorientação religiosa

Teem sido d'uma espantosa levandade, d'uma inacreditavel má fé, d'uma perversa raiva sectaria a maior parte dos artigos publicados nos pseudo-jornaes liberaes, a ponto de chegarem a desagradar aos proprios correligionarios sinceros.

Teem-se levantado calumnias ás congregações religiosas, e que, o mais das vezes, não são desmentidas, apesar dos seus anctores e dos redactores dos jornaes estarem plenamente convictos da sua falsidade. Quasi todas as acensações são desfeitas e pulverisadas pelo nosso collega a *Palavra*; mas os jornaes stygmatisados não se dão ao trabalho de transcreverem as rectificações, porque... seria descerem da sua dignidade!

Viu-se porventura maior falta de seriedade?

Chegam esses jornaes a ponto de pedirem providencias á anctoridade, por haverem cathecheses nos templos parochiaes, quando toda a gente sabe que essas lições doutrinaes são dadas pelos parochos, por ordem dos prelados, para ensinarem doutrina ás creanças que se destinam, no domingo do Bom Pastor a receberem a primeira communhão!

E chamam jesuitas aos parochos, por se incumbirem d'essa missão!

E declaram que não fazem guerra á Igreja, nem á religião!

Não; isso não é senão combater as ordens regulares, porque as creanças, aprendendo nos templos a doutrina catholica, para poderem condignamente receber o Pão dos Anjos, preparam-se para serem frades!

Mas o demonio a quem servem, fal-os desmascararem-se, bem contra sua vontade.

E aquelles vivas á liberdade, dados na rua das Flores á passagem da procissão do enterro, tambem eram contra os jesuitas? Então na procissão iam alguns jesuitas?

E a pena que elles teem de que o clero secular defenda os seus companheiros em Jesus Christo, o clero regular?

Deus, Nosso Senhor tenha compaixão d'elles, e se lembre tambem de nós, porque antevemos tristes dias para a nossa querida patria, se não cessa este vento de desorientação, que está dementando tanta gente!

Mais uma aggressão

Escreve-nos um nosso amigo de Almeidinha, relatando-nos um facto, verdadeiramente indigno, como outros que

infelizmente se teem dado por esse paiz.

Decidamente estão os *boxers* dominando em Portugal, não ha que ver. Eis o facto:

No dia 5 do corrente, estando em sua casa o nosso bondoso amigo o Rev.^{mo} Parocho d'aquella freguezia Padre Antonio Paulos Pereira viu entrar pela porta dentro um seu parochiano (cujo nome por tedio não publicamos), e este individuo, dotado de sentimentos tam vis, não só insultou o seu pastor espiritual, mas até chegou a ameaçal-o, levando as coisas a ponto tal, que o nosso amigo se viu obrigado a agarral-o para o pôr no meio da rua.

Este vilissimo procedimento, digno do mais severo castigo, pois que o parocho insultado não lhe havia dado o menor motivo de queixa, nem a ninguém, porque é um sacerdote modelo, cheio das mais acrisoladas virtudes, alvoroçou toda a freguezia, que se indignou por ver offendido o seu exemplar parocho que todos ali amam e respeitam.

Nós patenteamos ao digno parocho os nossos mais cordeaes sentimentos, pela affronta que acaba de receber.

Encyclopédia portugueza Illustrada

Recebemos o fasciculo 109. d'este esplendido dictionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 575 artigos e 14 figuras. Abrange os vocabulos *China* a *Chero*. Entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo merecem menção: *Chire* do illustre africanista Conselheiro Francisco de Paula Cid e *Chlorato*, *Chloreto*, *Chlorhydrico* e *Chloro* do eminente chimico dr. Ferreira da Silva.

Continua a assignar-se este excellento dictionario em todas as livrarias e no escriptorio da empreza Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º, Porto. Em Lisboa são correspondentes os snrs. Belem & C.^a, Rua do Marechal Saldanha, 26.

CECÇÃO NECROLOGICA



Obito

Falleceu no dia 11 em Vianna do Alemtejo a Exc.^{ma} Snr.^a D. Maria José de Souza, estremosa mãe do Exc.^{mo} Snr. José Fernando de Souza, director

do *Correio Nacional*, escriptor distinctissimo; e o primeiro jornalista portuguez.

Foi a finada senhora, uma desvelada amiga da pobreza, a fundadora da *Associação de Caridade de Vianna do Alemtejo*, e egualmente d'uma *Creche* que tem produzido copiosos e exuberantes fructos.

A seu illustre filho, e nosso presadissimo collega, damos os mais sentidos pesames, e aos nossos leitores pedimos uma prece por alma da virtuosa finada.

—Falleceu na idade de 77 annos, n'esta cidade a Exc.^{ma} Snr.^a D. Josepha Rita de Jesus, mãe dos Rev.^{mos} Dr. João Seraphim Gomes e Nestor Seraphim Gomes, abbade da freguezia de Massarellas.

Os officios de corpo presente realizaram-se n'aquella parochial egreja, no dia 8 do corrente, assistindo 40 ecclesiasticos.

Damos os nossos sentimentos á familia enluctada, e pedimos aos nossos leitores um Padre Nosso por alma da virtuosa finada.

—Tambem n'esse mesmo dia se resaram os responsos de sepultura por alma do fallecido Padre Manoel Philippe d'Assumpção, capellão externo da egreja da Trindade.

Depois de responsado n'essa egreja, foi o cadaver removido para o cemiterio de Agramonte.

Pedimos aos nossos leitores um Padre Nosso por alma do finado sacerdote.

Assignantes Benemeritos

Os Ex.^{mos} Snrs:

João Chysostomo Capada—pagou os annos de 1901 e 1902, dando dous mil réis um recebeu brinde.

Reitor José Tiburcio d'Azevedo—pagou mil réis d'um anno, Idem.

Pierre Cours Saliers—Idem.

Governador do Bispado de Cabo Verde—Idem.

Abbade Luiz Antonio Peixoto de Miranda Vasconcellos—Idem

Jacinto Manoel de Gouveia—Um dos grandes protectores do *Progresso* aqui nos mandou mais uma assignatura.

José de Pina de Ventoroso—Mandou nos a assignatura do snr. José Antonio Coimbra.

EXPEDIENTE

A empreza do **PROGRESSO CATHOLICO** previne todos os seus illustres assignantes, de que as assignaturas são pagas adiantadamente, e por isso pede-lhes, que se dignem pagar até ao dia 24 d'este mez d'abril, porque n'esse dia vae

fazer saques, pelo correlo, a todos os snrs. assignantes em divida. Prevenimos, pelo menos, os que não gostam de saques feitos pelo correlo, pois que o unico meio de o evitarem, é mandar pagar a esta administração até o dia acima fixado.

Prevenimos tambem que os saques são feitos na importancia total de 850 rs, sendo 800 rs. pela assignatura annual, e 50 rs. despeza que fazemos com cada recibo, enviado para o correlo. E d'isto pedimos desculpa a todos os nossos bondosos assignantes.

ANNUNCIOS

José Joaquim d'Oliveira

PARAMEITEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 103—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias reaes Portuguezas.

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

Padre AFFONSO MUZZARELLI da COMPANHIA DE JESUS

COM

Piedosos e lindos colloquios com a SS. Virgem para todos os dias e tocantes exemplos extrahidos das obras de SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO e de outros bons auctores

Com permissão do Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

QUARTA EDIÇÃO

Preço. cart. 160 reis
Broch. 100 reis

CONDE DE SAMODÃES

O MEZ DE MAIO

CONSAGRADO Á

Santissima Virgem Mãe de Deus
Novo manual para os exercicios de devoção n'este mez com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello. Indulgenciado e approvedo pelo Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal Bispo do Porto.

Preço 400 reis